

**HISTÓRIA, HISTORIADORES (AS) E PANDEMIA NO MUNDO
CONTEMPORÂNEO, UMA ENTREVISTA COM JOSÉ D'ASSUNÇÃO
BARROSⁱ**

**HISTORY, HISTORIANS AND PANDEMICS IN THE CONTEMPORARY
WORLD, AN INTERVIEW WITH JOSÉ D'ASSUNÇÃO BARROS**

**HISTORIA, HISTORIADORES Y PANDEMIA EN EL MUNDO
CONTEMPORÂNEO, UNA ENTREVISTA A JOSÉ D'ASSUNÇÃO BARROS**

Entrevista concedida a

Filipe Arnaldo Cezarinhoⁱⁱ, Natália Vial de Oliveiraⁱⁱⁱ e Robeilton de Souza Gomes^{iv}

Apresentação

É pouco provável encontrar no algum estudante da História, na graduação ou pós-graduação, que não tenha lido os livros *O Campo da História* (2004) e *O Projeto de Pesquisa em História* (2005). Isso demonstra, em parte, a importância da obra teórica de José D'Assunção Barros, um dos historiadores brasileiros mais relevantes da sua geração. Nesta entrevista José D'Assunção Barros nos fala da sua trajetória acadêmica, da experiência de vivenciar o isolamento social imposto pela Pandemia e de suas atividades como pesquisador e professor. Conta-nos como tem sido o seu processo de inserção no mundo virtual através do uso de ferramentas da rede mundial de computadores, tanto para participação nos diálogos acadêmicos quanto para pesquisa em acervos digitais. As dicas de José D'Assunção Barros podem nos ajudar a repensar parte das nossas estratégias como pesquisadores, sobretudo, nesse momento de dificuldade de acesso aos arquivos físicos; podem ainda nos acudir nesse período em que as incertezas e o medo se somam as dificuldades habituais da pesquisa. Por fim, o historiador evoca sua formação multidisciplinar para pensar temas nossos e nos fala dos seus projetos mais recentes na área de Teoria e Metodologia da História. Resta-nos agradecer o entrevistado pela generosidade das respostas e desejar que os leitores gostem do resultado aqui

apresentado.

Entrevista

[Entrevistadores] Professor, eu gostaria de começar com a primeira pergunta pedindo que o senhor comentasse um pouco sobre essa formação, falasse um pouco dessa dimensão interdisciplinar da sua obra e enfatizasse a sua formação inicial.

[José D'Assunção Barros]: Bom, a minha formação inicial, na verdade, foi a graduação em Música. Apenas depois de ter graduado em Música é que eu fiz graduação de História, e daí emendei com o mestrado e o doutorado em História. A graduação em História na Universidade Federal do Rio de Janeiro, o mestrado e doutorado na UFF [Universidade Federal Fluminense]. Nesse sentido, eu acho que eu já sou um pouco interdisciplinar desde o princípio dessa formação. Eu, a princípio, não pensava que seria um historiador. Os meus horizontes eram ser músico ou escritor de literatura. Eu também tinha uma formação autônoma como escritor de literatura muito anterior a essa entrada no meio acadêmico. Acho que tudo isso, e também interesses diversificados como leitor, como interessado por Filosofia, por Cinema, por Artes, de maneira geral, tudo isso compôs meu perfil interdisciplinar e que acabou culminando com a História, que por excelência, é um campo de saber que é interdisciplinar, no sentido de que tudo tem a sua história. Então, essa escolha pela História, ela também veio coroar um impulso interdisciplinar de maneira geral.

[Entrevistadores]: A pandemia cerceou historiadores e historiadoras de consultar arquivos presencialmente. Ocorre hoje uma digitalização maciça de documentação. O senhor já afirmou em algumas ocasiões haver certo preconceito por parte de historiadores e historiadoras com relação às fontes digitais. Hoje nós temos produções, registros, memórias nas plataformas digitais como o *Facebook*; hoje tem produção em aplicativos como o *WhatsApp*. Então, a gente tem aí uma gama muito grande de possibilidades de pesquisas. Como o senhor analisa essa potencialidade que são as fontes digitais? E também gostaria que o senhor trabalhasse conectada essa questão com a ideia do preconceito, principalmente de historiadores e historiadoras mais tradicionais, aqueles das décadas de 70 e 80 que ainda estão, de alguma maneira, produzindo.

[José D’Assunção Barros]: Estamos vivendo, desde meados dos anos 90, uma nova era, que é a era digital. Inclusive, estou organizando – escrevi também um texto sobre isso – um livro, que deve sair no próximo ano, sobre História Digital, provavelmente esse será o título. Estamos vivendo essa nova época e precisamos aproveitá-la em todos os sentidos possíveis. Para o caso do historiador, especificamente, a gente tem no mundo digital a possibilidade de digitalização daquelas fontes que são tradicionais, que estariam nos arquivos e que há décadas atrás você precisaria ir a um arquivo para consultá-la; hoje você consegue o acesso através da *internet*. É claro que sempre existirão os arquivos, sempre precisarão ser frequentados pelos historiadores, mesmo porque nunca será possível jogar todos os arquivos em repositório digital. São aquelas fontes que não são digitais propriamente ditas – certidão de casamento, de nascimento, inventários, processos criminais – e que podem ser digitalizadas. Vamos chamar essas de fontes digitalizadas, porque, na sua origem, não eram digitais, mas foram digitalizadas. E temos as fontes digitais citadas por você, que já são produzidas no universo digital. Então, essas redes sociais, de todos os tipos, elas têm um manancial de possibilidades que precisam também ser tratadas pelos historiadores: os diálogos, os embates que se dão através de redes digitais, através dos *e-mails*, através dos *chats*, através dos *blogs*. Acredito que nós temos que lidar, sim, com essas fontes. E é claro: sempre vai existir também o fetiche do arquivo, esse preconceito, como você falou, para aquele historiador: “quem não está no arquivo, não considero como historiador”. Por que? Por que há, penso eu, uma deficiência na compreensão do que é a História. A História trabalha com fontes. Fontes de todos os tipos. São fontes de mesmo nível as fontes que encontramos nos arquivos; um livro que se tornou um clássico e que está disponível na livraria, podendo ser analisado pela História da Literatura, a música que está no *YouTube*, os diálogos que são travados diariamente nas redes sociais, a CPI que assistimos na televisão. Ou seja, tudo isso aí é fonte histórica, porque é aquilo que está sendo analisado criticamente pelo historiador. Não existe primazia de um tipo de fonte em relação à outra. Ninguém é menos historiador porque trabalha com um determinado tipo de fonte. As fontes são decorrentes do encontro do teu problema de pesquisa, do teu interesse temático em estudar alguma coisa e as possibilidades que surgem aí para os historiadores de encontrar fontes que dialoguem com esses problemas historiográficos, ou seja, não existe uma hierarquia das fontes. Talvez o preconceito possa ser por haver colegas que não lidem bem com a *internet* – e olhe que eu não sou lá uma pessoa que lide tão bem com a *internet*, mas eu reconheço a importância. Por isso que, inclusive, eu quis organizar essa coletânea sobre História Digital e me esforcei a

pesquisar e escrever sobre o que é a sociedade digital, os tipos de fontes que estão disponíveis, quais são os dilemas do historiador diante desse mundo. Nós não podemos ficar vivendo só no passado. O historiador tem que viver no presente. Tem uma passagem do *Apologia da História*, do Marc Bloch, que ele fala do Henri Pirenne, onde este dizia que queria ver os lugares onde as pessoas estão vivendo atualmente.^v O historiador, ele precisa viver a sociedade na qual está. É claro que ele também vive os outros passados, presentes que lhes chegam através das fontes. Mas ele também tem que ir aonde há vida, o historiador não é um antiquário apenas. Ele pode conter a possibilidade de ter uma dimensão antiquária, mas que tem que ser encoberta por uma dimensão crítica, que é exatamente o que vai diferenciar o historiador de um antiquário. Nesse sentido, o historiador tem que estar aberto para todos os tipos possíveis de fontes históricas.

[Entrevistadores]: O mundo conta, atualmente, mais de 161 milhões de casos confirmados de COVID-19. As Ciências Humanas e Sociais sustentam a ideia de que a pandemia é um fenômeno não só biológico, mas também social. Não apenas infectologistas passaram a ter seus canais virtuais acessados, mas historiadores, de um modo geral, lançaram *webnários*, fizeram *lives*, criaram meios de levar informação e ensino (agora mediado por tecnologia) para um público maior. Considerando que essa forma de ensinar é uma aliada em tempos de crise sanitária, mas também é muito reveladora das desigualdades no acesso às tecnologias, gostaríamos de saber como esse contexto de mudanças tão impositivas afetou a sua produção acadêmica e a dinâmica das suas aulas.

[José D'Assunção Barros]: É claro que a pandemia tem um aspecto terrível que são esses 161 milhões de casos. O medo constante que eu acho que cada um de nós tem: você pode “pegar o vírus a qualquer momento”. Hoje soube que um aluno meu da pós-graduação de História da UFRJ, veio a falecer. Um aluno jovem. Isso é uma coisa terrível que está acontecendo e a gente tem de lidar com esse medo, esse receio. Ninguém está livre disso, do lado funesto, negativo da pandemia. É possível pensar alguma coisa positiva que tenha surgido disso? Eu acho que sim, no seguinte sentido: essa pandemia nos obrigou a prestar atenção nos recursos que nós temos, esses recursos trazidos pela sociedade digital. Então, por exemplo, eu no meu caso, eu faço uma atividade importante docente e como pesquisador sempre escrevi muito. Mas, eu percebi, por exemplo, que eu não tinha uma inserção muito grande em cursos de extensão e com essa pandemia eu comecei a me voltar para esse lado. Estou aí com várias séries de

extensão. *Lives* é uma coisa nova para mim. Então, eu acho que mesmo em momentos terríveis a gente pode aprender algo com esses momentos. Acredito que mesmo depois de passada a pandemia e superada essa tragédia coletiva, vão ficar algumas coisas as quais a gente começou a prestar atenção por causa da pandemia. Essa possibilidade de fazer as bancas reunindo pessoas de diferentes partes do país. A gente usava muito pouco isso. Estou ministrando cursos de extensão com pessoas de várias partes do Brasil e até de fora. Ou seja, essa possibilidade sempre esteve ali. Ela é uma possibilidade da sociedade digital e, no entanto, foi preciso essa tragédia sanitária coletiva acontecer para que muitos de nós pudéssemos explorar algumas possibilidades. Acredito que depois de passar a pandemia, isso fique. Sobre a desigualdade, a gente já está familiarizado com certo tipo de desigualdade. De repente, numa situação como essa, ela lança luz sobre outras desigualdades, como por exemplo, desigualdade no acesso à internet, aos recursos [digitais]. Nem todos têm o mesmo acesso. Isso é uma questão a ser suprida no futuro pelos governos, pelas instituições, pelas universidades. Suprir as pessoas de possibilidades equitativas de acesso à internet. Isso se mostrou necessário nesse período. Provavelmente, imagino que essa pandemia não vá ser a última, sobretudo porque a gente vive num mundo globalizado. As pessoas têm contato umas com as outras, contatos virtuais e contatos presenciais. Os aviões atravessam o planeta numa velocidade muito mais rápida do que há uma centena de anos. Então, cada vez mais esses contatos vão permitir que ocorram tragédias como essa. E a gente precisa se prevenir quanto a elas. Esse “plano b” das pessoas trabalharem remotamente ganha importância. Não apenas na área acadêmica, o próprio comércio tem se desenvolvido muito. As pessoas têm pedido sua alimentação pela internet, o que não ocorria tanto. Ou seja, são coisas do nosso mundo e cada vez mais a desigualdade no acesso aos recursos virtuais precisa ser combatida. Precisaremos de programas que colocam computadores nas mãos das pessoas, crianças inclusive porque isso não vai se extinguir aqui. Pode ser que daqui 10 anos tenhamos outra pandemia, porque as pessoas estão interagindo mais, a população mundial está aumentando, os transportes permitem que viajemos para diversos pontos do mundo. Essa pandemia iniciou-se em uma cidade da China que não era conhecida da maior parte de nós aqui do Brasil. O nome dessa cidade tornou-se conhecido porque pessoas dessa cidade viajam. Viajam para a Europa, pessoas da Europa viajam para o Brasil, ou seja, o mundo está muito interconectado e a interconexão traz coisas positivas e traz também seus riscos e desafios.

[Entrevistadores]: Professor, nós somos prova de que a produção historiográfica se manteve na academia, basta ver que estamos em plena sexta-feira, à noite, realizando essa entrevista com o senhor. Historiadores e historiadoras, agora, são claramente confrontados, nesse contexto pandêmico, com o seu lugar na História. Não cabe mais acreditar ingenuamente na distância do cientista que realiza uma análise do social. Estamos nós mesmos imersos em um evento histórico parece ser disruptivo, não que antes não participássemos, mas era mais fácil fingir, escamotear isso em nossa escrita. Seria esse momento oportuno para uma autorreflexão sobre o papel dos historiadores e historiadoras na contemporaneidade? Pergunto ainda: quais impactos o senhor identifica com o advento da pandemia do Covid-19 na Escrita da História?

[José D'Assunção Barros]: O primeiro impacto a gente já colocou. Surgiu como uma solução possível, ao distanciamento social imposto, a possibilidade de você utilizar amplamente, de maneira mais profunda, os recursos digitais. Os recursos digitais, eles incluem os recursos comunicativos que nós estamos nesse momento aqui. Ou seja, estamos falando de três pontos distanciados e isso não impede que estejamos nos comunicando. Esse é um lado. Mas têm os próprios recursos importantes para os historiadores, sob os quais também conversamos, de utilizar mais as fontes, os textos que estão disponibilizados na *internet*. Eu escrevi há pouco tempo, em 2019, um livro que chamei *seis desafios da historiografia no novo milênio*, não sabia que ocorreria uma pandemia no ano seguinte. Um dos seis desafios são as novas interdisciplinaridades. Entre elas está essa interdisciplinaridade que é a informática. Eu já colocava ali que a gente vai ter que interagir cada vez mais com isso. E tem também o que eu chamei de sexto desafio: a *transferência de criticidade*. O que significa isso? Nós historiadores lidamos com fontes históricas há séculos. A historiografia científica data do XIX, onde começam a ser desenvolvidas maneiras de você se aproximar das fontes históricas de maneira crítica. Ou seja, quando você estuda um jornal do século XIX, a primeira coisa que você vai lá perguntar é: quem era o editor desse jornal? Que interesses políticos tinha esse editor? Que pressões ele sofria ou que pressões ele queria impor aos outros? Ou seja, você analisa aquele jornal no seu lugar de produção. Isso é analisar criticamente um jornal. Ser crítico é a raiz do trabalho do historiador. Essa é, na minha opinião, a pérola do trabalho historiográfico. O que a gente vê no mundo de hoje, cada vez mais digital, com ferramentas como *WhatsApp*, é que as pessoas não têm a capacidade crítica que deveriam ter diante da abundância de informações possíveis. Nesse sentido, acredito que o papel do historiador é levar essa capacidade crítica às

peessoas, seja através do Ensino de História, seja através da publicação de obras historiográficas analíticas. Ou seja, dotar as pessoas da capacidade de assistir um programa de televisão e fazer as mesmas perguntas que a gente faz quando analisa um jornal do século XIX: essa rede de TV pertence a que famílias? Quais os interesses dessas famílias? Esse discurso que eu estou vendo na televisão, ele atende a quais interesses políticos? E não é só a televisão. O que eu recebi, o que eu acabado de receber no *WhatsApp*, a *Fake News*. Por que alguém mandou essa *Fake News*? Primeiro entender o que é uma *Fake News*. Ou seja, toda essa capacidade crítica, ela é fundamental às pessoas que vivem no nosso mundo tão interconectado. O maior desafio, que eu acho, o grande papel do historiador nesse mundo, é exatamente fazer isso que chamei de *transferência de criticidade*. Levar pessoas comuns a se colocarem no ponto de vista do historiador diante de suas fontes. Porque a gente está diante de fontes, fontes do Tempo Presente. Temos que ter a mesma criticidade diante das fontes que estão diante de nós – a mensagem de *WhatsApp*, o programa de televisão, na *live*, o discurso político feito no congresso. Então, isso é o que eu chamo de *transferência de criticidade*. E eu acho que isso aí é um dos papéis mais importantes dos historiadores nesse novo mundo que a gente tem diante de nós.

[Entrevistadores]: Falando um pouco sobre tempos. Muitas das reflexões trazidas aos historiadores em entrevistas sobre a pandemia parecem colocar a História num lugar “bem antigo”: o de que a História pode ajudar a fornecer interpretações e, talvez, até estratégias para enfrentar os problemas que se apresentaram com a pandemia. Essa visão, mais uma vez, “cola” História ao passado. Como poderíamos, enquanto historiadores, disputar agendas de futuro nesse contexto?

[José D’Assunção Barros]: Eu acredito que a gente tem aí dois lados. É claro que os editores, mas não apenas os editores, querem isso. Estão surgindo leitores que querem ouvir falar sobre o que são as pandemias e começam a surgir obras de historiadores sobre pandemias anteriores. São livros sobre a peste negra, a gripe espanhola, coletâneas de trabalhos de historiadores. Ou seja, qualquer evento novo impactante, mesmo que seja um impacto para o mal em um determinado aspecto, ele acaba acionando toda essa possibilidade de você recuperar o passado, que vai sendo relido de novas maneiras por causa de coisas que acontecem no presente. Esse é um lado da questão. Mas, ao mesmo tempo, cada vez mais os historiadores estão sendo

chamados a interagir em *lives*, ou seja, o historiador também é um historiador do tempo presente. Então, nós também temos que perceber esse outro lado, o do historiador atuante na sua sociedade. É claro que todas essas pandemias elas são diferentes umas das outras. Ao mesmo tempo que uma teve algumas características que essa teve, nenhuma das pandemias anteriores a gente teve os recursos que temos nos dias de hoje. Então, de certa maneira, essa curiosidade historiográfica ela vai acontecendo. Não é que a gente vai aprender com as pandemias que aconteceram antes ou vai servir para ensinar como enfrentar essa, aquela ideia da história mestra da vida. Mas, certamente os temas vão sendo despertados. Vamos dizer assim, quando ocorreu aquele atentado do 11 de setembro, por exemplo, de repente, as livrarias começaram a se encher de livros sobre islamismo. As pessoas começaram a se interessar sobre isso. Então, claro que as pessoas começam a prestar atenção. Daqui a 20 anos nós poderemos ser analisados como os personagens de uma história que está ocorrendo hoje e que nós estamos vivendo como agentes históricos. Então, historiador tem esses dois lados: por um lado ele trabalha com tempos que já desapareceram e que ele tem acesso por meio das fontes históricas, mas por outro lado, ele vive uma história atual e ele tem que atuar nessa sociedade atual.

[Entrevistadores]: Professor José D'Assunção Barros, a gente agradece muito pela oportunidade. Estamos felizes. E o senhor pode fazer as considerações finais, fique à vontade.

[José D'Assunção Barros]: Bom, sobre a pandemia, que foi uma preocupação presente aqui nessa entrevista, a gente está em pleno furação da pandemia, mas estamos enfrentando bem, acredito que a gente vai superar isso. Quando falo nós, eu me refiro a todas as pessoas do mundo. Na verdade, o planeta acabou se unificando através desse acontecimento desastroso, catastrófico. Uma unificação no aproveitamento da tecnologia digital e da possibilidade de uma sociedade em rede. Acredito que apesar das graves perdas que nós estamos vendo aí, ouvindo falar diariamente, nós vamos superar e espero que possamos desenvolver algo positivo a partir disso: interação, interconexão. No caso específico dos historiadores, pensar como podemos aproveitar mais esse mundo digital que se coloca a nós como recurso, e claro, destacar como são importantes a ciência e a própria universidade que a produz, que por muitas vezes são questionadas. No momento anterior à pandemia a gente tinha ataques aqui no Brasil às universidades. De onde estão vindo essas vacinas? Elas estão vindo de universidades, de instituições científicas. Então, eu acho que também fica essa lição: a importância da ciência e a

importância da universidade nesse contexto, como lugar que produz pesquisa. Embora sejam tempos terríveis esses que estamos vivendo, eles são também tempos desafiadores. Por isso, acredito que possa sair daí um saldo positivo, a diversificação nas nossas formas de comunicação, essa sociedade mais interativa, interconectada, isso fica no mundo pós-pandemia. Se há um saldo positivo, acredito que seja esse. Eu agradeço, nesse momento, a entrevista que deu a oportunidade para gente discutir várias coisas importantes para a Historiografia no mundo contemporâneo, particularmente em relação ao momento em que estamos vivendo.

Referências

BARROS, José D'Assunção. *O Campo da História: especialidades e abordagens*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004.

BARROS, José D'Assunção. *O projeto de pesquisa em História*. Da escolha do tema ao quadro teórico. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005.

BARROS, José D'Assunção. *Seis desafios para a historiografia do novo milênio*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019.

BLOCH, March. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

Fonte oral:

BARROS, José D'Assunção. [mai. 2021]. Entrevistadores: Filipe Arnaldo Cezarinho, Natália Vial de Oliveira e Robeilton Gomes. Amazonas, Bahia, Rio de Janeiro: Brasil. 14 de maio de 2021.

Contribuições para entrevista:

Erison Soares (SEDUC-AM)

Fontes de financiamento:

Nada a declarar.

Conflitos de interesse:

Nada a declarar.

Recebido: 08/06/2021

Aceito: 20/07/2021

Publicado: 25/08/2021

ⁱ A entrevista foi realizada no dia 14 de maio de 2021, respeitando as medidas de segurança e a lógica de pesquisa imposta pela Pandemia. Para tanto, foi feito uso da ferramenta *Google Meet* que possibilitou a gravação. A entrevista transcorreu na forma de diálogo com o entrevistado, a partir de questões previamente acordadas entre os entrevistadores. No momento desta gravação estávamos em nossas residências em Estados diferentes: Filipe Cezarinho, na Bahia; Natália Vial de Oliveira, no Rio de Janeiro; e Robeilton de Souza Gomes, no Amazonas, além do próprio professor D'Assunção Barros que também estava no Rio de Janeiro. Agradecemos ao professor Erison Soares (SEDUC-AM) que também participou da entrevista auxiliando na questão técnica, o que possibilitou que a entrevista fosse realizada com êxito.

ⁱⁱ Licenciado e Mestre em História. Atualmente é doutorando em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRuralRJ). Bolsista CAPES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1593-268X>. E-mail: cezarinhohistoria@hotmail.com.

ⁱⁱⁱ Professora de História na Educação Básica da rede pública de ensino desde 2014. Possui graduação (licenciatura) e mestrado em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, e é doutoranda em História pela mesma instituição. <https://orcid.org/0000-0002-1011-1981>

^{iv} Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Bolsista CAPES. Possui Mestrado em HISTÓRIA pela Universidade Federal do Amazonas. Atualmente é professor concursado da rede pública do Estado do Amazonas (SEDUC-AM), no CETi Sérgio Alfredo Pessoa Figueiredo. <https://orcid.org/0000-0001-5298-5903>

^v A passagem na íntegra: “Já contei em outro lugar o episódio: eu estava acompanhando, em Estocolmo, Henri Pirenne. Mal chegamos, ele me diz: ‘O que vamos ver primeiro? Parece que há uma prefeitura nova em folha. Começemos por ela’. Depois, como se quisesse prevenir um espanto, acrescentou: ‘Se eu fosse antiquário, só teria olhos para as coisas velhas. Mas sou um historiador. E por isso que amo a vida’” (BLOCH, 2002, p. 65).